

Quem conta um conto

QUANDO CHEGARÁ A PRIMAVERA ? (POUR ANITA, QUI RÉUSSIRA !)¹

Silvio H. SUZUKI²

* para Anita, que vencerá !

"... as obras recomeçam no próximo dia 27, devemos aguardar a publicação do edital pela prefeitura e em seguida acionamos o pessoal". Anunciava o engenheiro ao presidente da empresa e às demais faces tensas repuxadas pelo tempo, cheias de fantasmagorias e vazias de significado. Encerrada a reunião, agora todas as direções indicavam o bar como rumo certo, comemorando mais uma vitória, Maurício, o engenheiro brindava e proclamava ao grupo comandado:

- Ganhe dinheiro, ganhe-o rápido, ganhe-o em grande quantidade, ganhe-o em prodigiosa abundância, ganhe-o desonestamente se puder, honestamente se for preciso.

Com determinação e "inteligência" atingia seu objetivo, subornando vários funcionários públicos transformava agora uma grande área rica em flora e fauna em uma represa que colocaria em funcionamento uma usina, onde a maior parte da energia produzida seria consumida pela empresa estrangeira que no local viria a ser instalada.

No vilarejo de Santa Fé, localizado na área a ser inundada; um lugar de desamor, tempo de antes e tempo de após, a luz do dia que revestia formas com lúcida quietude, transfigurava sombras em beleza transitória e a lenta rotação sugeria permanência; como nas demais comunidades, as pessoas viviam apenas da lavoura e pesca, pagavam a conta de luz, mesmo que esta fosse notada apenas em breves momentos do dia e a conta de água, mesmo que as torneiras em grande parte do dia se encontrassem secas, além de ter que conviver com o esgoto das casas se exibindo pelas ruas.

A empreiteira financiou aos moradores uma festa com grandes espetáculos musicais e fogos, eles receberam a notícia que o rio subiria muito, e não houve reação alguma entre as pessoas; ele é quase esquecido pelos moradores; implacável, o rio fiel às suas iras sempre subia em épocas de cheia; destruidor, recordando o que os homens preferem esquecer; desprezado, preterido pelos adoradores de máquina. Os funcionários da empresa, então, informaram que dessa vez o rio permaneceria por um longo período a um nível muito acima do normal e todos deviam mudar de suas casas, mas as pessoas não precisavam se preocupar, pois a empresa cederia terras para todos. A música voltou e um apresentador anunciou bebidas e comida a vontade para todos. Como as pessoas mal se alimentavam, o momento não permitia maior importância e a devida atenção ao comunicado.

Anita não estava presente a festa, trabalhava todos os dias até muito tarde, prestava serviço na comunidade, adquiriu conhecimentos na área da saúde, era parteira, e qualquer emergência a procuravam, tratava dos enfermos com os primeiros socorros que conhecia até a presença de um médico, ou a chegada da viatura para levar o paciente até a cidade. Sonhava com a expansão de sua sala de aula, lecionava para as crianças e alguns adultos em sua sala; não conseguia alojar todos, então, alguns atrasados assistiam da cozinha e os demais do quarto, a disputada aula.

A cada precipitação, a aproximação da primavera envia o demorado inverno para longe, para uma criança, era um chuva

¹ O texto "Quando chegará a primavera?" foi o 2º colocado do Concurso de Contos, promovido pelo Departamento de Educação e Revista Nuances, em maio de 1996.

² Discente do 5º ano de Engenharia Cartográfica - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - Estado de São Paulo - Brasil.

capaz de congelar a pele... e o coração. Todavia... ao frio, à fome, à solidão... a todas essas coisas essa criança estava tragicamente acostumada. O pequeno índio de uma tribo vive próximo do rio. Pisa numa flor, lamenta pela flor, era a primavera de uma criança. Procurava os pais naquele lugar. Ele percebia que deveria procurar com seus próprios meios, sozinho. Uma criança... silenciosa... e sem lágrimas. A trilha é íngreme, mas seu caminhar é firme.

A última neve do inverno cai sobre os campos queimados, com o fim da geada que se despede, a estação chamará a nova, fresca e verdejante primavera. Desponta a aurora, e um novo dia. As pessoas voltam para o campo. Lutavam por sua sobrevivência.

Não é mais inverno, mas a manhã tarda a chegar, galhos enegrecidos e sem vida balançam como ossos ressecados animados pelo gélido vento, os homens percorrem a área da represa afim de capturar os animais que ali vivem, trabalham muito durante todo o dia e a noite, preparam armadilhas. Procuram resgatar o maior número de animais. E a cerca de 800 km da usina, homens contratados pela empresa demarcam áreas para as famílias dos vilarejos a serem inundados. Por que a neve cai ? As pessoas sentem frio sem saber a razão, a neve não se importa se gela ou não o coração dos homens. Isso é inevitável.

Mau, como era conhecido desde a infância, o engenheiro, é informado sobre as obras da usina. Ele recebe a notícia que um pequeno número de famílias resistem em abandonar suas casas, mesmo a empresa oferecendo áreas maiores aos moradores do que as que eles ocupam. Acostumado com a situação, aciona seus homens para levar os barcos e recolher os infelizes.

Famílias inteiras ainda estavam no local, Anita, acreditava que nem toda a alegria deste mundo passageiro vem na vida. Ser capaz de morrer também traz a felicidade divina no outro mundo, as pessoas diziam às suas almas que ficassem tranquilas, e esperassem sem esperança, pois a esperança seria esperar pelo equívoco; espera sem amor, pois o amor seria amar o equívoco; contudo ainda há fé, o amor e a esperança permanecem todos a espera; espera sem pensar; assim a treva em luz se tornará, e em dança há de o repouso se tornar.

A garça no inverno recolhe uma pata e enfia a cabeça sob a asa, ela jamais treme de frio ou se abala, ela dobra a própria vontade para se manter viva, a beleza da

garça no inverno é a beleza da força de vontade, ela não se debate, não resiste, ela invoca toda sua energia numa luta para sobreviver. Ela não é como aqueles que vivem pelo objetivo que têm na vida ? O senhor, que há muito tempo trabalhava na empreiteira, conversa com os moradores tentando convencer e lembra as "vantagens" de viver na nova cidade.

Anita, que estava com as famílias que permaneciam, dizia "cada um de nós deve seguir sua própria trilha, mesmo o pequeno índio, tem uma caminho que deve percorrer". Ela estava pronta para aceitar a 1 de tudo que vinha em sua direção.

Aquela criança não entendia o motivo de toda a confusão, compreendia que vivia a parte de tudo, os deveres e obrigações do mundo flutuante não significavam nada para ele. O pequeno índio procurava seus pais naquele lugar.

Um jovem viaja incógnito, jamais dizendo a verdade a respeito de si mesmo e jamais contando uma mentira duas vezes, pois não confia em ninguém e a mentira o conforta até mesmo quando desnecessária. Na difícil vida pela estrada, em momentos encontrava-se descendo fundo, descendo apenas ao mundo da perpétua solidão, mundo não mundo, àquilo que não é mundo, escuridão interior, privação e destituição de toda a propriedade, ressecamento do mundo dos sentidos, evasão do mundo da fantasia, inoperância do mundo do espírito. Sentia saudade, valorizava mais seus sentimentos, acendia esperanças e apagava as distâncias dos amigos. Na cidade conseguiu trabalho na usina, garantindo um lugar para dormir e comida. Ajudava no transporte das pessoas e seus pertences, em muitas vilas a operação é efetuada sem problemas, mas em outras, como no caso de Santa Fé, encontra maiores dificuldades, por se tratar de um povoado mais antigo, sua cultura estava enraizada naquela terra castigada.

Quando o jovem conhece Anita um grande encantamento é revelado, demonstra simpatia e nutre admiração envolvente, explica o risco que ela e os demais correm permanecendo no local; mas é inútil, ela exige alternativas para a situação e exige uma reunião com seu chefe e a comunidade para solucionar o problema. Ele sente por não estar a seu alcance realizar seu pedido. "Essa reunião não vai ser possível", tenta explicar o jovem. Anita procura se acalmar diante da situação e escreve um bilhete. "Mau, sem dúvida você lembra desse rio. Faz anos, mas existem pessoas que têm seus laços aqui, reconsidere" suplica ao

jovem para que entregue o mais rápido possível. Ele seguiu rápido até a cidade e encontra com Maurício para entregar em mãos. Mau leu e no verso do mesmo bilhete escreve. O jovem segue para a casa de Anita, ela recebe o bilhete e lê a resposta de Mau "As águas correntes nunca são as mesmas. As nuvens também estão eternamente mudando... a Lua e o Sol nunca emitem a mesma luz, mesmo depois de centenas de gerações". O jovem a acompanha com o olhar, ela calada toma o rumo do horizonte. Ele retorna para a usina, pensando e procurando maneiras de ajudar...

Entre a meia-noite e a aurora, quando o passado é todo decepção e o futuro se recusa, antes que a manhã desperte, quando o tempo se detém e o tempo jamais se extingue, soa a sirene, o aviso de abertura das comportas. Murmúrio de águas velozes e relâmpagos de inverno, a poeira suspensa determinava o sítio onde uma história teve fim, o pequeno índio acompanhava toda a movimentação de pessoas do alto da montanha. Os barcos resgatavam animais e as pessoas pelo telhado das casas. Em Santa Fé, Anita olhava a seu redor, no alto de uma árvore, a vila inundada. Não encontrava outras pessoas, apenas alguns pequenos animais nas grandes árvores, que logo não seriam mais vistas. Fim não há que termo ponha a isso tudo, ao mudo lamento à infundável agonia das flores agonizantes, ao movimento de dor que indolor e imóvel se consumia.

O jovem tinha seu coração partido porque ela se perdera e ele não ligava para mais nada que pudesse acontecer. Guardava consigo um último bilhete da moça. Vivía a experiência, mas perdia o significado, e a proximidade do significado restaurava a experiência sob forma diversa, além de qualquer significado. A experiência vivida e revivida no significado, não era a experiência de uma vida apenas, mas a de muitas gerações não esquecendo o olhar para além da certeza da história documentada, a olhadela por cima dos ombros, ao terror primitivo lançado, agora chegava a descobrir que os momentos de agonia (se eles são devidos à má compreensão, após esperar-se pelo equívoco ou por ele haver temido, não vem ao acaso) são ao rigor permanentes, tocados dessa permanência que ultrapassa o tempo. Apreciamos isto melhor na agonia dos outros do que em nossa própria, pois em nosso próprio passado cruzam correntes de ação, mas o tormento dos outros perdura. As

pessoas mudam e sorriem - mas a agonia permanece.

Pensava se isto é o que Krishna quis dizer, entre outras coisas, ou apenas um meio de dizer a mesma coisa: que o futuro é um rosa real ou um borrifo de alfazema de nostálgico pesar por aqueles ainda ausentes daqui para o pesar, esmagado entre as folhas amarelas de um livro jamais aberto. Não podia encarar face a face, mas isto é certo: o tempo não cura e aqui já não estava mais o paciente.

Enquanto caminhava, uma voz balbuciava em qualquer linguagem viva: "Adiante, vós que julgais estar de viagem; não sois aqueles que viram o porto se afastar ou que jamais um dia à terra tocarão, aqui entre as praias de cá e de lá enquanto o tempo se retira, considerai o futuro e o passado com juízo equidistante, neste momento, que de inércia não é e nem de ação, podeis aceitar isso - em qualquer esfera do ser a mente humana pode estar atenta a hora da morte - esta é a única ação (e a hora da morte preside cada instante) que haverá de frutificar na vida dos outros. E não penseis no fruto da ação. Adiante ó viajantes, ó marinheiros vós que chegais ao porto, e vós cujos corpos do mar processo e julgamento sofrerão, do mar ou de outro tribunal, este é o vosso real destino" Assim Krishna, quando nos campos de batalha, para Arjuna (seu discípulo-guerreiro) disse:

- Boa viagem, não - mas adiante, viajantes.

Naquele dia que não houve nevoeiro, separação, busca, reencontro...o jovem voltou para a usina, recebeu seu pagamento e tomou rumo da estrada, seguiu viagem para outra cidade, alegres e momentos difíceis, encontros com desconhecidos, trilhava por esse caminho. Certamente, que tomando qualquer itinerário, partindo do ponto que quisesse, a qualquer hora ou em qualquer estação, o mesmo sempre ocorreria; terias que despir sentido e noção. Não estaria para averiguar, ou instruíres a si próprio, ou satisfazer a curiosidade, estaria para se ajoelhar, onde eficaz tem sido a oração, e a oração é mais que uma simples ordem de palavras, a consciente ocupação do espírito que reza, ou o som da voz durante a prece. E o que não puderam transmitir os mortos, quando vivos, podem eles dizer-te, enquanto mortos; a comunicação dos mortos se propaga, além da linguagem dos vivos.

Passou pelo escritório da empresa, esperou e entregou o bilhete para Mau, como havia prometido a Anita. O jovem disse

a Mau que esse foi o último pedido de Anita. Ele não leu, guardou no bolso, entrou no carro e foi embora sem nenhuma palavra.

Maurício depois de longa viagem, em sua casa entra como um vulto e segue para o quarto. No dia seguinte, a empregada ao lavar as roupas encontrou o bilhete, não

sabia ler, entregou a patroa. A mulher leu: "A responsabilidade constitui a verdadeira essência do caráter" reconheceu a letra, amassou e jogou pela janela, o papel que na calçada era levado pelas águas da chuva que precediam a primavera.